

UMA HISTÓRIA DAS MULHERES: A ABORDAGEM DOS LIVROS DIDÁTICOS E O USO DAS FONTES IMAGÉTICAS NA AMPLIAÇÃO DO SABER ACERCA DA FIGURA FEMININA

Gabriela Isbaes¹; Laís Prestes Redondo²

¹Centro de Ciências Humanas – Pós-graduação em História, Cultura e Poder - Universidade do Sagrado Coração – gaby.isbaes@gmail.com; ²Centro de Ciências Humanas – História - Universidade do Sagrado Coração - laisprestesredondo@gmail.com

RESUMO

As mulheres, por muitas décadas, foram omitidas da História de modelo tradicional, que priorizava relatos de acontecimentos políticos protagonizados por homens. Dessa maneira, se acabou relegando a essas personagens uma história de submissão e de pouca representatividade. Os debates a respeito da História da Mulher tiveram início somente na década de 1960, com as renovações historiográficas e os movimentos feministas. Os livros didáticos, porém, ainda não se apropriaram desta mudança, perpetuando estereótipos e preconceitos. As imagens, fontes que podem ser grandes aliadas na construção do saber acerca da figura feminina, também são neles pouco exploradas. Tendo isso em vista, o presente artigo visa demonstrar como a História das Mulheres ainda é omitida dos livros didáticos, por meio de discussão sobre pesquisas realizadas por variados historiadores. Além disso, buscou-se evidenciar como a utilização de fontes imagéticas pode ampliar este campo do saber histórico, demonstrando que seu uso em materiais didáticos aumenta o entendimento do aluno sobre o papel das mulheres na História, uma vez que a cultura material é imprescindível para ampliar os debates e melhor compreender o assunto.

Palavras-chave: História das mulheres. Uso de imagens. Livro didático.

INTRODUÇÃO

As mulheres, por muitas décadas, foram omitidas da História de modelo tradicional, que priorizava relatos de acontecimentos políticos protagonizados por homens, baseando-se somente em fontes documentais de caráter oficial para isso. Dessa maneira, se acabou relegando a essas personagens uma história de submissão e de pouca representatividade. Os debates a respeito da História da Mulher – principalmente na academia - e de sua importância para as ciências humanas começaram a ser realmente desenvolvidos e explorados a partir da década de 1960, com a renovação dos modos de se produzir História e a eclosão de movimentos feministas que reivindicavam mais espaço para a mulher na sociedade, já que elas trazem experiências diferenciadas daquelas vividas pelos homens e outros personagens (SOHIET, PEDRO, 2007). Na década de 1970 surgem novas metodologias, teorias e estudos sobre a figura feminina, uma vez que o movimento feminista despertou o olhar da academia para uma História das Mulheres. Outros impulsionadores deste fenômeno foram os estudos antropológicos voltados à sexualidade, o interesse pelos estudos das minorias, e a História Cultural e Social, as quais, influenciadas pelos Annales, trouxeram uma análise das

sociedades, das mentalidades, das culturas, dos oprimidos e das identidades (SILVA, 2009; PEREIRA, 2013).

Inicialmente, as visões eram pouco criteriosas, já que tudo o que remetia ao masculino era mais valorizado até então, assim, acabava-se por falar da mulher deixando-a ainda submetida aos homens e outros personagens. No entanto, principalmente devido ao feminismo que reivindicava a história das mulheres pelas mulheres, e pelas crescentes informações sobre este sujeito histórico, essa concepção foi se modificando e hoje conhecemos uma história da mulher muito mais abrangente e com menos perspectivas simplórias que reproduziam um discurso de submissão. Destarte, as mulheres, ganharam o espaço público, passando a trazer uma nova face ao conhecimento sobre si e sobre a história das relações sociais e femininas (SOHIET, PEDRO, 2007).

De acordo com Sohiet e Pedro (2007), abordar a mulher nos meios históricos parecia inicialmente um trabalho dificultoso, se levar-se em conta todo o passado de exclusão a que elas foram submetidas. Anteriormente a eclosão dos estudos sobre a figura feminina, acreditava estar a contemplando na História, uma vez que, acabava-se por definir “homens” como um sujeito universal, e não só como a pessoa do sexo masculino, no entanto, novas perspectivas surgiram, contestando essa visão e a colocando como equivocada. Isso porque, nem todos os homens também eram evidenciados - se priorizava a história do homem branco ocidental. Outro desafio foi desconstruir a visão de uma mulher universal – existente ao início dos estudos sobre esta personagem -, e colocar em pauta a diversidade de identidades existentes entre elas, já que as mulheres de todo o mundo e de toda a história, sofreram e sofrem influências diferentes, são de culturas diversas, se expressam de modos diferenciados, o que implica em pensar em toda uma pluralidade feminina ao longo dos tempos, e não somente diferenciar a mulher do homem.

Silva (2009) afirma que a omissão da mulher na História se trata de uma construção. Os historiadores, até pouco tempo, não se preocupavam em abordar estas personagens, pois seguiam o modelo positivista de análise historiográfica, o qual priorizava o uso de fontes escritas e oficiais, majoritariamente produzidas por homens. Além disso, a profissão de historiador era exercida somente por homens, que falavam dos grandes agentes masculinos e seus feitos na política e na área militar. Os pouquíssimos escritos sobre as mulheres acabavam ficando na marginalidade (PEREIRA, 2013). Dessa maneira, pode-se evidenciar que as mulheres tiveram pouco enfoque na História, não devido à escassez de fontes – os vestígios arqueológicos, epigráficos e iconográficos podem nos mostrar uma infinidade de saberes acerca dos mais diversos personagens – mas pela postura adotada por historiadores no momento de escolher suas fontes e também pelos interesses de correntes historiográficas ao longo do tempo.

Funari (1995) salienta que devemos nos utilizar de variados documentos para compor a história da mulher, além das fontes literárias – no entanto, estas não precisam ser esquecidas -, como moedas, inscrições, pinturas, papiros, entre outros. Estes novos documentos trazem maiores percepções sobre variados temas relacionados ao feminino, sendo que muitos deles foram produzidos por mulheres. Deste modo, se concebe que a cultura material é imprescindível para tecer o saber histórico, e relata os cotidianos, costumes, modos de alimentação e vestimenta, entre outros aspectos (SOHIET, PEDRO, 2007). É nesse cenário que as imagens se constituem como grandes aliadas na construção do saber sobre o feminino, principalmente nos meios educacionais, a fim de questionar visões perpetuadas pelas historiografias mais antigas, e que acabam sendo transpassadas nos materiais didáticos.

O nosso mundo é hoje, mais do que nunca, visual. Estamos cercados por propagandas, televisores, aparelhos de celular, redes sociais, que nos transmitem imagens a todo o momento e em qualquer lugar. A absorção de informação se torna um processo rápido e dinâmico, fazendo com que assimilamos mensagens dos conteúdos imagéticos sem nem ao menos darmos conta disso, muitas vezes. Ressaltando a atratividade que o conteúdo visual traz, e as mudanças advindas no final do século XX com a História Nova - as quais possibilitaram maiores pesquisas e elaboração de métodos de como se trabalhar com as fontes imagéticas - cabe a nós, professores e historiadores, nos utilizarmos deste meio tão atraente às crianças e jovens, nos processos de ensino/aprendizagem (COELHO, 2012; SILVA, 2009).

O conteúdo visual já é empregado na didática do ensino de História, porém, ainda sem muitos critérios de análise e aproveitamento. Um grande problema encontrado nos livros didáticos, por exemplo, está no fato de que as imagens são neles colocadas somente para ilustrar as páginas, sem legendas esclarecedoras ou conexão concisa com os textos que as precedem - quando poderiam ser uma fonte explicativa para um vasto conteúdo. Uma vez que as mudanças historiográficas são recentes, grande parte dos professores não teve acesso ao trato com as imagens em suas graduações, não sabendo interpretá-las e torná-las uma ferramenta didática, o que influencia no uso tão generalizante do tripé livro, lousa e giz (COELHO, 2012).

Por mais que os avanços em pesquisas acerca da utilização das fontes históricas e a aplicação destas no ensino sejam extremamente significativos para a História das Mulheres, as transposições didáticas ainda não foram realizadas de maneira a abordá-la nos materiais escolares. Os livros ainda são os apoios mais utilizados em sala, pois neles se condensam todos os conteúdos a serem passados no ano letivo, poupando o trabalho do professor em realizar um planejamento. O erro, no entanto, está em tomar tudo o que o livro traz como verdade absoluta, sem contestar, buscar novas perspectivas ou analisar com criticidade (SILVA, 2009).

Tendo isso em vista, o presente artigo visa demonstrar como a História das Mulheres ainda é omitida dos livros didáticos, por meio de discussão sobre pesquisas realizadas por variados historiadores. Além disso, buscou-se evidenciar como a utilização de fontes imagéticas pode ampliar este campo do saber histórico, demonstrando que seu uso em materiais didáticos aumenta o entendimento do aluno sobre o papel das mulheres na História, uma vez que a cultura material é imprescindível para ampliar os debates e melhor compreender o assunto, porém ainda não é bem utilizada nos meios escolares.

A ABORDAGEM DA MULHER NOS LIVROS DIDÁTICOS

Apesar das renovações no ensino e nas metodologias educativas estarem caminhando e se tornando cada vez mais acessíveis, algumas escolas ainda adotam o livro didático como material de apoio principal. Os professores, ao invés de buscar em novas fontes os conteúdos de suas aulas, ou complementá-las com estas, compreendem o que está no livro como a verdade. De acordo com Silva (2009), é necessário conceber que o livro ainda é um importante difusor de informação nas escolas, e que continuará por muito sendo utilizado, todavia, devemos compreender que nele está implícito não só o conhecimento acadêmico/científico, mas também o senso comum, a visão de mundo de um autor, que não é imparcial e pode estar imbuída de estereótipos, contribuindo para a perpetuação destes e de algumas desigualdades. Além disso, é uma mercadoria, criada pelo mercado editorial, que

transmite valores de um tempo. Principalmente no campo da História, é quase impossível o historiador se caracterizar como imparcial, por isso, a visão crítica na utilização de qualquer material deve ser empregada, inclusive para um alargamento de perspectivas, comparando-as e discutindo seus pontos principais.

O saber produzido nas universidades e atualizado, nem sempre chega ou é buscado pelos idealizadores dos materiais didáticos e demais professores, o que leva os ensinamentos transmitidos em sala a serem às vezes pouco atualizados e descompassados com as atualidades nas pesquisas. A academia também possui a sua parcela de culpa nisto, uma vez que realiza materiais pouco acessíveis, não se preocupando em como a educação básica pode vir a se apropriar destes. E os professores, longe das universidades e centros de pesquisas, também não se atualizam e levam o que está no livro como o mais atual, pois concebem que este foi produzido por um especialista, e nada mais é necessário para complementar o saber. Profissionais em História certamente são consultados na elaboração destes materiais, porém, não são especialistas em cada uma das áreas e períodos históricos abordados nos textos, e um único profissional não da conta de abarcar toda a pluralidade de perspectivas e atualizações em todos os campos. Isso pode levar a graves desatualizações, anacronismos e até erros (SILVA, 2009).

Realizando um breve panorama sobre como os livros de História tratam das mulheres no Brasil, Rambaldi e Probst (2017), ao investigarem materiais da década de 1970 e 1980, puderam conceber que a mulher era visualizada unicamente como mãe e esposa ligada aos afazeres domésticos. Estes livros, nos pequenos trechos em que citaram a figura feminina, a relacionam ao cuidar dos filhos, ao preparo de comidas, ao bordar em casa, de maneira generalizante, deixando ao leitor o entendimento de que todas viviam da mesma maneira, sem distinção social, educacional, cultural e de etnia.

Silva (2009), ao analisar três coleções de livros didáticos de História mais atuais, constatou que as visões por eles abordadas ainda se prendem a modelos tradicionalistas, com uma ordem cronológica enfocada nos marcos políticos do Ocidente e nos grandes nomes masculinos, apegada a datas, quase seguindo um padrão anterior ao desenvolvimento dos estudos pela escola do Annales. São somente narrativas sobre o passado, sem criticidade, sem relações com o presente mais palpáveis aos alunos. O interesse por temas relacionados à História Cultural e Social é quase nulo e, devido a isso, as mulheres acabam relegadas a um espaço de quase inexistência nesses materiais.

Nos livros didáticos analisados por Silva (2009), as mulheres quase não são citadas, e quando o são, ocorre com brevidade, ligando-as a personagens masculinos e a estereótipos, em quadros ou notas a parte do texto do livro. Um ponto ressaltado pelo historiador é que nem mesmo o movimento feminista é citado, com os efeitos e representatividade que carrega até os dias atuais – outros movimentos políticos e de resistência do mesmo período, porém, são abordados.

Prohmann (2018), em recente pesquisa, analisou um livro didático de 2013, e nele mais uma vez pôde constatar que a abordagem da mulher deixa muito a desejar, apesar de alguns poucos avanços. Somente uma vez no livro uma mulher é citada diretamente e com maior detalhamento (Joana D'Arc), e já quase no final dos conteúdos por este abordados. As outras referências são pequenas e quase sempre generalizantes, mas existem em grande parte dos capítulos. No decorrer da escrita do livro, a autora também percebeu que os termos eram sempre empregados no masculino, como “homens” e “historiadores”.

Pereira (2013) e Ginity (2015) ressaltam outro problema desta abordagem didática pouco voltada às mulheres, que se liga a construção de identidades. De acordo com as autoras, o ser humano se constrói nas relações sociais. Assim, desde pequeno o indivíduo se molda no meio em que vive, incluindo – e sendo muito importante – a escola, que fornece saberes científicos aos estudantes, auxiliando-os a compreender o mundo e a dinâmica histórica deste. Nesse espaço, a disciplina de História vem para transformar a visão de que algo é incontestável, oferecendo suporte para dinamizar os debates, e compreenderem-se melhor os problemas sociais, políticos, econômicos e culturais ao longo do tempo, instigando a criticidade. Mais do que isso, a História permite ao aluno compreender suas origens, o que auxilia em demasia na construção de suas identidades. Por isso, deve-se sempre ressaltar a diversidade humana e não generalizar ou adotar perspectivas simplórias e pouco abrangentes.

O livro didático de História, assim, carrega uma ampla gama de ideologias e valores, e deve ser muito bem elaborado para não perpetuar estereótipos e visões generalizantes, uma vez que é utilizado pelos alunos durante quase toda a educação básica. Porém, estes materiais são realizados pelo mercado editorial, inseridos em uma lógica capitalista de lucro, são frutos de um governo vigente, podendo haver manipulação de interesses nesse meio para a escolha dos assuntos – isso é evidente no Brasil desde o Império, quando os materiais didáticos começaram a ser utilizados e direcionados para criar uma ideia de nação no país. Dessa maneira, perpetuações de conceitos já ultrapassados podem existir, inclusive sobre o papel da mulher na História (mães, submissas, ligadas ao lar). O modo e os meios pelos quais se ensina, resulta em olhares sobre os personagens históricos que compõem as identidades do aluno, por isso devem ser realizados com cautela (PEREIRA, 2013; GINITY, 2015).

A materialidade, imprescindível para conhecer qualquer cultura do passado, sejam as existentes há milhares de anos, ou há apenas décadas atrás, se mostram como fontes enriquecedoras do saber a respeito da História da Mulher, e poderiam ser mais bem exploradas no âmbito da educação básica e nos materiais didáticos. Seu uso adequado melhoraria as abordagens dos livros e ampliaria a concepção de história dos estudantes. Porém, principalmente no que diz respeito às imagens, a forma de utilização ainda não é apropriada.

O USO DAS IMAGENS PARA UMA HISTÓRIA DA MULHER

Apesar de nos elementos textuais dos livros didáticos, as mulheres pouco aparecerem, as ilustrações existentes nestes já as demonstram um pouco mais. Porém, de acordo com Silva (2009), estas imagens, que poderiam servir como suporte para o alargamento da abordagem sobre a mulher, perpetuam os estereótipos e preconceitos. A figura feminina é quase sempre representada ao lado de um homem ou da família, demonstrando a submissão ao marido, o patriarcalismo e a união heterossexual.

As ilustrações, em muitos casos, quando trazem a mulher, voltam-se representações vitimizadas, ou que evidenciam a fragilidade da esposa/amante sem o homem ao lado. Figuras de esposas lamentando a partida do marido à guerra juntamente com a família, por exemplo, são comuns. Além disso, as legendas que acompanham estas imagens, dificilmente se referem à mulher, o foco recai somente na figura masculina e nos elementos relacionados a esta. Os interesses pelo feminino às vezes surgem, mas, na maioria dos casos, ligados a mulheres consideradas ilustres, como Cleópatra, Xica da Silva e Joana D'Arc, as quais comumente são

abordadas nos materiais como personagens de destaque (SILVA, 2009). Ou seja, nada de inovador.

Os editores, que escolhem as imagens a serem colocadas nos livros - ao invés de os próprios autores o fazerem - não se preocupam tanto com o caráter pedagógico do material, mas sim, em como ele será atrativo esteticamente, e acabam perpetuando estereótipos por meio da apropriação que realizam destes materiais. Devido a isso, é importante que se instigue no aluno o senso crítico, para que quando este passe a análise das imagens, não dependa somente de legendas ou explicações dos textos para interpretá-las, mas sim, que saiba seguir por outros caminhos. Aos professores cabe a tarefa de não serem meros reprodutores de conhecimento, sem analisar novas perspectivas e abordagens sobre determinado assunto. Estes podem, inclusive por meio do livro, questionar a maneira que os assuntos ali foram abordados.

As imagens se constituem, assim, em uma fonte histórica extremamente válida para ser utilizada em sala de aula na construção do saber sobre a mulher, mas que ainda passa por entraves no que diz respeito a sua abordagem nos materiais didáticos. Devido a isso, vale explicitar alguns cuidados a serem tomados no trato com estas. Todo o conteúdo imagético deve ser manipulado com cautela e selecionado criteriosamente para não se tornar apenas mais um recurso que, ao final do processo de ensino, nada tenha agregado aos estudantes. Uma única imagem pode ser analisada de diversas maneiras dependendo das intenções do historiador (ele carrega um olhar, uma ideologia, uma mentalidade de época, um intuito para traçar suas produções), o que nos traz uma fonte que se renova a cada período e a cada estudo. O pesquisador que utiliza imagens deve ser cauteloso, pois estas não foram constituídas com imparcialidade. É necessário refletir com criticidade (tomando cuidado para não se cometer anacronismos) a respeito da época e do porquê de ela ter sido produzida, estudando estilos e tendências do período. Além disso, não devemos nos deter a apenas a só uma perspectiva crítica, é necessário explorar diversas vertentes e posicionamentos acerca do material utilizado.

Coelho (2012) afirma que é essencial, antes de trabalhar com a imagem em sala, isolá-la de qualquer texto ou legenda, para assim se ter uma visão e análise mais ampla. Por meio deste exercício, não só professor, mas também alunos têm a possibilidade de investigar a imagem espontaneamente, elencando suas percepções iniciais, para posteriormente passarem a um debate compartilhado e mediado pelo educador, que dará maiores informações a respeito do objeto de análise. Muitos aceitam o que está retratado nas imagens como verdade absoluta dos fatos, por isso a interpretação crítica por parte do aluno, com a intervenção do professor, se torna primordial. Não devemos ser receptores passivos do que o visual nos traz, mas sim, buscar olhar criticamente suas mensagens. Ainda, diversas imagens que tratam do mesmo tema, mas que apresentem perspectivas divergentes sobre o mesmo, podem ser exploradas, fazendo com que as discussões se amplifiquem e se compreenda como há uma multiplicidade de abordagens não só no material escrito, mas também no visual.

No que diz respeito à História Antiga, a raridade de fontes escritas faz com que a cultura material seja imprescindível para se conhecer as sociedades do período. Além do mais, a parcela letrada da população era minoria, e se encontrava comumente nas classes mais abastadas, o que leva a registros escritos elitistas e masculinos. Os vestígios arqueológicos, todavia, podem revelar perspectivas históricas voltadas às mulheres, contestando, inclusive, visões extremamente defendidas ao longo da história. As pinturas realizadas nas paredes da

cidade de Pompéia são um exemplo de que uma nova ótica pode ser construída por meio das imagens.



Figura 1: Mulher com estilete. Fonte: <<http://cir.campania.beniculturali.it/museoarcheologiconazionale/itinerari-tematici/galleria-di-immagini/RA109?page=156>>. Acesso em: 26 set. 2016



Figura 2: Bustos de meninas. Fonte: <<http://cir.campania.beniculturali.it/museoarcheologiconazionale/itinerari-tematici/galleria-di-immagini/RA00403494?page=834>>. Acesso em 26 set. 2016.

As figuras 1 e 2, pinturas pompeianas, demonstram a figura feminina segurando estiletos e tabuinhas, instrumentos utilizados para a escrita. Estes retratos podem levar a crer que talvez o letramento não fosse algo exclusivo entre os homens, mas sim, que era mais difundido em Pompéia e em Roma do que se imagina. Grafites parietais da cidade – manifestações populares - também permitem afirmar que muitas mulheres possuíam letramento, já que variadas inscrições foram produzidas por elas. Algumas destas produções, inclusive, mostraram que mulheres apoiavam candidatos políticos, retirando a tão disseminada visão de que elas eram alheias à vida fora do lar. Assim, por intermédio destas pinturas e produções visuais (e inúmeras outras que podem ser encontradas na cidade vesuviana e no Museu de Nápoles), é possível evidenciar que as mulheres (não se sabe em que porcentagem) poderiam ser alfabetizadas e intelectuais em Pompéia (FUNARI, 1995).



Figura 3: HARRIS, R. G., 1943. Fonte: <http://lemad.fflch.usp.br/node/8248>. Acesso em: 05 abr. 2018.

Já em uma perspectiva contemporânea, a Figura 3, que contém os dizeres “Faça o trabalho que ELE deixou para trás. Candidate-se. Serviço de Emprego dos Estados Unidos” é uma chamada às mulheres para que se candidatem a vagas de emprego abertas na indústria norte-americana no momento da Segunda Guerra Mundial. Neste período, muitos homens, que comumente ocupavam estes cargos, deixaram seu país para ir à guerra e, na falta de mão-de-obra, resolveu-se convocar as mulheres ao trabalho. A partir desta imagem, os alunos poderiam levantar inúmeros debates sobre as mudanças para a mulher no mercado de trabalho nos EUA e no Brasil naquele momento, o que isso afetava em suas vidas e mudava com relação a sua posição social e econômica. Nesse momento, mais de seis milhões de passaram a ocupar cargos na indústria, algo jamais visto anteriormente (SILVA, 2015).

Estas são apenas duas das centenas de utilizações de imagens na abordagem de História das Mulheres que poderiam ser citadas. Porém, servem como exemplos de como as fontes imagéticas são importantes e podem trazer à tona inúmeras problematizações enriquecedoras para um pensamento menos exclusivista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres, personagens importantes para a composição do saber histórico, durante muito tempo foram relegadas a espaços periféricos na História, e só recentemente, por volta da década de 1960, é que os campos de estudo sobre estas se alargaram. As pesquisas, aliadas a novas fontes, vêm crescendo e são cada vez mais enriquecedoras, nos mostrando toda uma nova dinâmica histórica, plural e preocupada com os mais diversos personagens.

A utilização de imagens para compor a História das Mulheres se mostra como uma metodologia proveitosa. Pinturas, gravuras, propagandas, entre outras, se constituem em um *corpus* rico em informações, as quais contêm as representações de seu tempo histórico, e por meio destas podemos conceber qual o papel da mulher naquele momento e também nos questionar sobre as mudanças que foram ocorrendo. Utilizá-las com maior abrangência em livros didáticos, realizando as interpretações de maneira correta e com criticidade, auxilia na quebra de estereótipos e preconceitos acerca da figura feminina na História, a qual ainda é pouco citada nos materiais escolares até os dias atuais.

Livros didáticos podem ser bons materiais de pesquisa, inclusive os desatualizados, uma vez que, se consultados por um leitor crítico, este pode vir a contestar as informações, buscar novidades e realizar uma análise mais aprofundada das múltiplas abordagens sobre um determinado assunto. Destarte, deve-se então não abolir o uso deste tipo de material, mas sim, reivindicar melhorias em seus conteúdos e buscar novas pesquisas em outros meios, pois todos os anos a História nos revela mais e mais saberes que as transposições didáticas não acompanham. Alguns avanços já são visualizados na atualidade se compararmos livros publicados no final do século passado, como maiores citações da figura feminina, porém, a narrativa deste tipo de material ainda precisa revisada, e buscar tratar mais do cotidiano, das relações sociais, da cultura, da vida privada, tirando o foco dos acontecimentos político-administrativos. Enquanto isto não ocorrer, as mulheres continuarão a serem abordadas em meio a preconceitos e perspectivas generalizantes.

REFERÊNCIAS

- COELHO, T. S. A imagem e o ensino de História em tempos visuais. **Percursos**, Florianópolis, v.13, n.2, p.188-199, jul/dez 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/2413/2204>>. Acesso em: 16 fev. 2018.
- FUNARI, P. P. A. Romanas por elas mesmas. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 179-200, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1855>>. Acesso em: 05 mar. 2016.
- GINITY, E. G. M. Imagens de mulheres nos livros didáticos de História. **Revista do Lhiste**, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 915-932, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/revistadolhiste/article/viewFile/63309/36954>>. Acesso em: 27 mar. 2018.
- PEREIRA, A. M. **A representação da mulher no livro didático de História**. 2013, 49 f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de ensino), diretoria de pesquisa e pós-graduação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.
- PROHMANN, A. C. S. Gênero e ensino de História: as representações das mulheres no livro didático. **4º Simpósio Eletrônico Internacional de História**, 2018. Disponível em: <http://etnogensimpohis2018.blogspot.com.br/p/genero-e-ensino-de-historia-as.html>. Acesso em: 05 abr. 2018.
- RAMBALDI, A. K.; PROBST, M. As mulheres representadas nos livros didáticos: História do Brasil. **Interfaces Científicas-Educação**, Aracaju, v.5, n.3, p. 123-134, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/view/2743/2334>>. Acesso em: 27 mar. 2018.
- SILVA, G. V. Prisioneiras do esquecimento: a representação das mulheres nos livros didáticos de história. **Dimensões**, Vitória, v. 23, p. 45-66, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/viewFile/2509/2005>>. Acesso em: 27 mar. 2018.
- SILVA, N. P. Imagens do feminino: representações da mulher na propagando durante e após a Segunda Guerra Mundial. **LEMAD – Laboratório de Ensino e Material Didático**, 2015. Disponível em: <<http://lemad.fflch.usp.br/node/8248>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

SOHIET, R. PEDRO, J. M. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n54/a15v2754.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

Una historia de las mujeres: el enfoque de los libros didácticos y el uso de las fuentes imagéticas en la ampliación del saber acerca de la figura femenina.

Resumen

Las mujeres, por muchas décadas fueron omitidas de la Historia de modelo tradicional, que priorizaba relatos de acontecimientos políticos protagonizados por hombres. Así, se acabó relegando a esos personajes una historia de sumisión y de poca representatividad. Los debates acerca de la historia de la mujer empezaron solamente en la década de 1960, con las renovaciones historiográficas y los movimientos feministas. Los libros didácticos, sin embargo, aún non se adaptaron a esta mudanza, perpetuando estereotipos e prejuicios. Las imágenes, fuentes que pueden ser grandes aliadas en la construcción del saber acerca de la figura femenina, también son en ellos poco exploradas. En el presente artículo se pretende demostrar como la historia de las mujeres aún es omitida de los libros didácticos, por medio de discusión acerca de investigaciones realizada por distintos historiadores. Además, se buscó evidenciar como la utilización de fuentes imagéticas puede ampliar el saber histórico, demostrando que su uso en materiales didácticos aumenta el entendimiento del alumno sobre el papel de las mujeres en la Historia, una vez que la cultura material es imprescindible para ampliar los debates y comprender mejor el tema.

Palabras-llave: Historia de las mujeres. Uso de imágenes. Libro didáctico.